

O HORIZONTE PARA ALÉM DA LIBERDADE INDIVIDUAL: REFLEXÕES SOBRE A HETERONOMIA COMO PRINCÍPIO ÉTICO À LUZ DAS COSMOVISÕES AMERÍNDIAS

Sophia Carolina Montanher Graveno (PIBIC/UEM), Aline Sanches (Orientadora).
E-mail: psicoaline@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/Psicologia

Palavras-chave: Perspectivismo ameríndio; Ética; Livre-arbítrio.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar os fundamentos da ideia de liberdade advinda da tradição metafísica ocidental, de forma a problematizá-los e examinar seus reflexos nos modos de relação contemporâneos. Revisando a literatura de autores como Viveiros de Castro, Safatle, Latour e Descola, demonstra-se de que forma tanto o conceito de liberdade quanto os modos de relação ocidentais encontram-se alicerçados em uma dicotomização e hierarquização entre natureza e cultura, a qual, mais profundamente, aponta para uma cisão entre sujeito e objeto. Essas dicotomias estabelecem relações que se pautam em uma lógica de dominação-submissão, o que possibilita uma compreensão da crise ecológica atual como consequência de um modelo relacional predatório e colonialista. Explora-se, em seguida, por meio das obras de autores indígenas e quilombolas, como Kopenawa, Bispo dos Santos e Krenak, como o conceito de liberdade e os modos de relação se modificariam com o tensionamento dessas dicotomias, de forma a articular tal crítica às cosmovisões de sociedades ameríndias. Conclui-se que o conceito de liberdade, dentro do contexto social ocidental, apoia-se em uma lógica de dominação do Outro em reflexo ao modo pelo qual essas sociedades lidam com a questão da alteridade. Em contraposição, nota-se nas sociedades ameríndias um outro modo de lidar com a alteridade, em que os modos de relação se apoiam muito mais na lógica da heteronomia do que na lógica do individualismo, caracterizando um comunalismo entre as coisas e os seres que se reflete nas práticas de cuidado.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intencionou analisar criticamente os dualismos que caracterizam os ideais comumente presentes nas sociedades ocidentais, explorando a tradição filosófica e metafísica que constituiu a base de funcionamento destas. Neste estudo, essa tradição metafísica é brevemente localizada e contextualizada, revelando-se os pressupostos que a sustentam e de que forma eles se refletem nos modos de vida da contemporaneidade, o que é articulado principalmente a partir das contribuições de Descola e Pálsson (1996), Latour (2015) e Viveiros de Castro (2010).

Essa análise é realizada a partir da seleção de um conceito chave para o desenvolvimento de tal reflexão, a saber, o conceito de liberdade, que, em conformidade com o trabalho de Safatle (2019), parece exemplar para escancarar as dicotomias que perpassam esses modelos culturais: “natureza e cultura”, “sociedade e indivíduo”, “eu e outro”, “interior e exterior”, “familiar e estranho”, “universal e particular”. Não obstante, a própria liberdade é posicionada como uma questão dual, haja vista os dilemas liberdade versus alienação, dominação versus submissão, liberdade versus determinismo, vontade livre versus coerção social.

O que se propôs, nesta pesquisa, foi a investigação de caminhos possíveis para explorar então a seguinte questão: o que ocorre quando as fronteiras entre esses aparentes opostos são tensionadas? É a partir das contribuições de autores indígenas e quilombolas, especialmente da obra de Kopenawa e Albert (2015), que se pôde traçar um percurso que buscou não somente responder à pergunta aqui colocada, mas, acima disso, formular e produzir novas perguntas a partir de uma visita a outras cosmovisões e modelos sociais. Frente a isso, não só a questão da liberdade pôde ser recolocada e reconfigurada de outro modo, como também foram colocadas reflexões importantes sobre a relação do ser com o mundo e com o Outro, as quais se ligam diretamente à crise ecológica atual e à possibilidade de preservação e perpetuação do mundo e da vida.

REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, tendo sua parte inicial sido construída a partir do levantamento de obras de autores das áreas de Filosofia e de Antropologia que abordassem a temática da liberdade, da dicotomia entre natureza e cultura, da ecologia e dos povos ameríndios. Foram analisados principalmente artigos disponíveis em meio eletrônico tais como “Crítica da autonomia: liberdade como heteronomia sem servidão” (2019) de Vladimir Safatle, “Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo” (2015) de Bruno Latour e “O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo” (2010) de Eduardo Viveiros de Castro. Uma das fontes bibliográficas principais utilizadas para a exploração dessa

temática foi o livro “*Nature and society: anthropological perspectives*” (1996) de Phillipe Descola e Gísli Pálsson, utilizado em meio impresso.

Foi considerada, ainda, a produção de autores indígenas e quilombolas que discorressem sobre os modos de relação dessas sociedades, apresentando outras cosmovisões acerca da relação que o sujeito estabelece com o universo em que habita. Foi utilizado em especial o texto “A queda do céu” (2010) de Bruce Albert e Davi Kopenawa, além de outras obras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento da noção de liberdade moderna pode ser atrelado ao surgimento da ideia de livre-arbítrio, emergente no ocidente a partir da teologia cristã. O livre-arbítrio – ou vontade livre –, na medida em que passa a ser entendido como sinônimo de liberdade, evoca consigo duas características: a associação entre liberdade e autonomia e, por consequência, a ideia de propriedade de si. Tal associação, como argumenta Safatle (2019), altera o significado social da liberdade, que passa a circunscrever em si modos de relação sob um modelo de dominação e sujeição, de posseção dos objetos e, mais profundamente, do próprio sujeito.

Também associada a um ideal de racionalidade que é, nesse contexto, moralmente valorizado, a liberdade vai se mostrando como um conceito chave para desvelar um modelo de pensamento dicotômico e maniqueísta, o qual se expressa também nos modos de relação contemporâneos. A dicotomia vista como central no presente trabalho parece ser a dicotomia sujeito-objeto, cuja presença pode ser localizada na tradição cartesiana, cujo *cogito* e consequente distinção entre mente e corpo parecem ser símbolos dessa cisão. Derivada dessa dicotomia fundamental, é explorado também o distanciamento entre natureza e cultura, o qual reproduz, assim como todas as demais dicotomias, a relação hierárquica e de dominação com relação aquilo que é reconhecido como objeto, como Outro. A metafísica ocidental é, assim, caracterizada como produtora de modos colonialistas de relação.

Latour (2015) auxilia a pensar modos de relação que escapam da lógica de dominação-submissão, propondo pensar os vínculos de forma qualitativa, em detrimento de focar os processos de escolha e de controle dos vínculos. Buscou-se pensar, no presente estudo, em conformidade com o que é demonstrado pelas cosmovisões indígenas e quilombolas, a alteridade enquanto força potencializadora dos vínculos, e não enquanto ameaça que, para ser amenizada, precisa ser dominada e submetida a relações de poder.

CONCLUSÕES

Levando em consideração o objetivo central da pesquisa, foi possível concluir, principalmente, que as cosmovisões ameríndias parecem pautar-se sobre uma lógica que produz modos de relação radicalmente diferentes dos que são encontrados nas sociedades capitalistas contemporâneas. Enquanto estes se constroem sob a luz de dicotomias que se pautam em pressupostos transcendentais, aqueles se fundamentam sob uma perspectiva sobre o mundo centrada na imanência. Essa disparidade, por conseguinte, gera consequências práticas para os modos de vida, fato notável pelo ritmo crescente de destruição da natureza em que se encontra o mundo capitalista. Fica a reflexão, nesse sentido, sobre a necessidade, possibilidade e urgência pela criação de novos modos de ser, de algum modo menos colonialistas, de algum modo menos ameaçado(re)s.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Aline Sanches, e à Universidade Estadual de Maringá pelo incentivo e fomento à pesquisa.

REFERÊNCIAS

DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. (ed.). *Nature and society: anthropological perspectives*. Abingdon: Routledge, 1996.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LATOURETTE, B. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. *Ilha*, v. 17, n. 2, p. 123-146, ago./dez. 2015. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123>.
Acesso em: 5 fev. 2024.

SAFATLE, V. Crítica da autonomia: liberdade como heteronomia sem servidão. *Discurso*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 21-41, 29 dez. 2019. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/165473>. Acesso em: 23 out. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 44, n. 4, p. 15-26, 2010. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400002. Acesso em: 26 jan. 2024.